



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
LATO SENSU  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA – PCL**

---

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM TEORIA  
PSICANALÍTICA**

**2011-2013**

**Coordenadora: Profa. Dra. Terezinha de Camargo Viana**

**Apresentado por: Estela Riehl de Magalhães Arruda**

**Orientado por: Profa. Dra. Eliana Rigotto Lazzarini**

**BRASÍLIA, 2013**

**O CORPO: FONTE DE FRUSTRAÇÃO NO UNIVERSO  
FEMININO**

**Apresentado por: Estela Riehl de Magalhães Arruda**

**Orientado por: Profa. Dra. Eliana Rigotto Lazzarini**

## **Resumo**

Esse artigo tem como objeto refletir sobre a relação das mulheres com seus próprios corpos, relação que é submetida à julgamento pelo olhar do outro, para sua aprovação e desejo ou para sua reprovação e exclusão. Decorre da percepção na atualidade, de grande insatisfação e frustração feminina com o próprio corpo, resultados de padrão de beleza impostos pela sociedade, muitas vezes inalcançáveis pelas mulheres. Observa-se que essa relação provém já de longo tempo e que o corpo feminino passou a ser reflexo de uma cultura capitalista em sua essência e narcisista pela própria natureza humana. Confronta os efeitos dessa realidade com os conceitos de efemeridade da vida e do valor da felicidade para concluir que a busca do padrão atual de corpo socialmente adotado não justifica o esforço e o sofrimento a que se submetem as mulheres, com renúncia a valores mais elevados a serem perseguidos na duração da vida.

**Palavras chave:** Corpo feminino, sociedade, psicanálise.

### **Abstract**

This article seeks to examine women's relationship with their own bodies, a relationship that is subject to the judgment of others, which can approve and desire it or reproach and exclude it. It is the result of the perception of female dissatisfaction and frustration with one's body, generated by the standards of beauty imposed by society, many times unattainable. It is noted that this relationship is not new and that the female body has become a reflection of a capitalist society in its essence and narcissistic by its own nature. This article examines the consequences of this reality against the concepts of the brevity of life and the importance of happiness to conclude that the quest for today's standards of beauty, for a body socially accepted by others, is not worth the effort and suffering to which women subject themselves, sacrificing the search for higher values during one's lifetime.

**Key words:** female body, society, psychoanalysis

## **Sumário**

<b>Introdução.....</b>	<b>6</b>
<b>Corpo: reflexo da sociedade.....</b>	<b>7</b>
<b>Sociedade ocidental capitalista.....</b>	<b>9</b>
<b>Cultura do Narcisismo.....</b>	<b>11</b>
<b>Construção corporal.....</b>	<b>13</b>
<b>Vale tudo pela beleza.....</b>	<b>15</b>
<b>O corpo feminino.....</b>	<b>17</b>
<b>Considerações finais.....</b>	<b>20</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>23</b>

O que quer uma mulher? Essa indagação já foi considerada por Freud, por vários homens e mesmo por muitas mulheres. Apesar de parecer uma simples pergunta, as respostas, com certeza, são as mais variadas, dependendo da cultura, faixa etária, classe econômica entre outros e pode também, muitas vezes, ficar sem resposta.

Na sociedade em que estamos inseridos, com base em pesquisas – como a de Malysse (2002), Goldenberg (2011), Novaes (2006) – e ao observar a influência da mídia na determinação de padrões, pode-se dizer que a maioria da população feminina responderia que quer ser magra, ter os músculos tonificados, barriga zero e nenhum sinal de celulite. E seriam dados vários exemplos de atrizes, modelos, figuras públicas com corpo escultural.

Ao continuar sonhando, provavelmente, a mulher diria que além do corpo perfeito ainda gostaria de conquistá-lo sem ter de fazer renúncias a comidas, prazeres, sem precisar se exercitar, ou tomar medicamentos e sem, mesmo, necessitar de cirurgias.

A obesidade nos é uma antiga conhecida, que ao longo dos anos veio a ter diferentes representações sociais. Já foi considerada bela, sinal de saúde, de riqueza, e contrariamente também, sinal de sedentarismo, preguiça, desleixo. Percebe-se que tanto representações positivas quanto negativas já foram usadas para tal.

Atualmente, vê-se uma crescente preocupação com a obesidade, tida como um problema de saúde pública. O Brasil, por exemplo, que era conhecido como um país de pessoas desnutridas, hoje já possui uma grande população de obesos. Aqui e no exterior vê-se uma inquietação dos governos em tentar controlar e tratar a obesidade, que é assim traduzida em vários tipos de medidas como: programas em hospitais e postos de saúde, intervenção na alimentação servida nas escolas, entrega de medicamentos por agências estatais, entre outros.

A preocupação feminina em ter um corpo aceito socialmente muitas vezes também leva umas quantas mulheres para o lado oposto da obesidade, que seria a busca e obtenção de um corpo de uma magreza excessiva, em que características do corpo feminino como curvas, seios e nádegas avantajadas praticamente desaparecem. Dessa forma, o corpo “violão” transforma-se em um corpo parecido com uma “tábua”.

Pode-se ainda observar o aparecimento de corpos femininos extremamente malhados. Por meio da ingestão de suplementos, anabolizantes, hormônios e da prática intensiva de atividades físicas, algumas mulheres conseguem desenvolver a própria musculatura a tal ponto que obtém um corpo muito mais definido do que muitos homens. Esses corpos passam a apresentar mais características andrógenas do que femininas.

Percebe-se que a insatisfação e a frustração constante com o próprio corpo leva muitas mulheres a se submeter a diferentes tipos de expiação para a conquista do “corpo perfeito”. Nesse artigo vamos refletir sobre o ideal de um corpo feminino que é construído socialmente, abordando dessa forma a relação das mulheres com os próprios corpos.

### **Corpo: reflexo da sociedade**

Uma das definições de sociedade, conforme o dicionário Houaiss, é “conjunto de pessoas que vivem em certa faixa de tempo e de espaço, seguindo normas comuns, e que são unidas pelo sentimento de grupo; corpo social; coletividade”. Esse “conjunto de pessoas” analogamente pode ser pensado como um conjunto de corpos, que convivem em grupos e refletem padrões coletivos de uma época.

Novaes (2006) faz um levantamento bibliográfico sobre diversos autores que abordaram a relação entre discursos sobre o corpo e a regulação social. A autora demonstra que o corpo vai além de sua característica biológica, ele possui uma

dimensão social e cultural. O que se observa é que os corpos são representados, usados, controlados, concebidos e se comportam de diferentes formas, dependendo da cultura em que estão inseridos.

Ao pesquisar outros autores, Novaes (2006) nos mostra como de maneiras diferentes esses estudiosos falam o mesmo sobre a relação entre corpo e sociedade. Para Mauss “o corpo é o lugar de diferentes formas de sociabilidade” (p.43), Le Breton diz que “o corpo é uma construção social” (p.45), para Remaury “o corpo é uma das peças centrais de aferição do dispositivo de civilização” (p.45).

Novaes (2006), citando Lévi-Strauss, refere-se ao corpo como uma ótima ferramenta de aferição da vida social de um povo, pois, além de ocupar um lugar no tempo e no espaço, apresenta uma linguagem corporal própria, que expressa uma quantidade infinita de marcas e falas implícitas.

Malysse (2002) aponta que as imagens que uma sociedade escolhe para se apresentar a outros povos, geralmente representam uma realidade e uma visão generalizada do local. No caso do Rio de Janeiro, seu objeto de estudo, o autor confirmou que o culto ao corpo que via representar o Brasil nos cartões postais e propagandas era uma realidade. Em sua primeira viagem ao Rio de Janeiro pode notar que aqui o corpo estava mais presente visualmente do que na França.

Ao observar as interações sociais no Rio de Janeiro, registrou Malysse (2002) que eram verdadeiramente contatos corpo a corpo, e mais, que se surpreendia porque eram tanto contatos com outro corpo, quanto com o próprio corpo.

O que se percebe é que, para chegar até a atualidade, o corpo teve que passar por diversas modificações comportamentais, tornando-se civilizado. Suas representações ao longo dos anos vão sendo transformadas conforme os padrões da sociedade em que se insere. Para cada época vemos um tipo de corpo da moda e da moda em cada corpo.



## **Sociedade ocidental capitalista**

A cultura – aqui entendida como um conjunto de padrões de comportamentos, crenças, tradições, costumes e valores de uma sociedade – ocidental em que vivemos possui várias características. Uma delas é o modo de viver capitalista, que visa à aquisição de lucro e o acúmulo de bens por uma pessoa ou empresa.

Seu conceito fundamental é o de capital, que pode ser definido como toda riqueza, patrimônio ou bem disponíveis capazes de produzir renda. Fazendo uma analogia com essa definição, poderíamos dizer que muitas mulheres possuem e tratam seus corpos como um capital, um bem em que se deve investir tempo e dinheiro, aumentando-lhe o valor, para que na condição de sua titular possa ser aceita socialmente e ter direito a usufruir de um *status* melhor.

Baudrillard (2011) considera que o corpo é atualmente o mais belo objeto de consumo, muitas vezes tornando-se objeto de salvação. O autor atenta para o fato de que em qualquer cultura o modo de organização da relação com o corpo reflete a maneira com que nos relacionamos com as demais pessoas e com as coisas. Assim, diz Baudrillard “na sociedade capitalista, o estatuto geral da propriedade privada aplica-se igualmente ao corpo, à prática social e à representação mental que dele se tem” (p.168/169). Consequentemente o corpo é visto como um capital em que se deve investir com grande determinação.

Nessa mesma linha de raciocínio, Goldenberg (2011), por meio de pesquisas feitas com a população do Rio de Janeiro, diz que no Brasil o corpo é visto “como um capital nos mercados de trabalho, casamento e sexual” (p.49). Ter um corpo que é aceito e desejado socialmente pode possibilitar ao sujeito uma ascensão social.

Neste sentido, além de um capital físico, o corpo é um capital simbólico, um capital econômico e um capital social. No entanto, é preciso ressaltar que este corpo capital não é um corpo qualquer. É um corpo que deve ser sempre *sexy*, jovem, magro e em boa forma. Um corpo conquistado por meio de um enorme

investimento financeiro, muito trabalho e uma boa dose de sacrifício. (Goldenberg, 2011, p.49).

Dessa maneira, podemos observar uma enorme preocupação com o corpo.

Porém, as pessoas que não estão dentro desse padrão de beleza e aceitação – as obesas, por exemplo – sofrem muitos preconceitos ao serem constantemente avaliadas por sua aparência. Assim, estão sempre insatisfeitas com o próprio corpo e tendem a utilizar vários expedientes para poder transformá-lo.

Goldenberg (2011) metaforiza que, dada à alta importância que o corpo possui, é ele a verdadeira roupa. A autora explica que o corpo que está dentro dos padrões aceitos socialmente, mesmo quando está nu, encontra-se decentemente vestido. A função da roupa, nesse caso, é apenas de adornar e valorizar a exposição desse corpo capital.

A valorização que é dada para quem tem um corpo “perfeito” é uma das razões para essa incessante busca e aperfeiçoamento corporal por parte de várias mulheres.

Pode muitas vezes até significar uma mudança de classe social. Aponta Goldenberg:

Pode-se dizer que ter *o corpo*, com tudo o que ele simboliza, promove nos brasileiros, uma conformidade a um estilo de vida e a um conjunto de normas de conduta. Esta é recompensada pela gratificação de pertencer a um grupo de valor superior. *O corpo* surge como um símbolo que consagra e torna visível as extremas diferenças entre os grupos sociais no Brasil. (Goldenberg, 2011, p. 50).

A questão é que muito tempo – em academias, idas a médicos, nutricionistas, esteticistas – e dinheiro – com dietas, produtos *light*, *personaltrainer*, anabolizantes, medicamentos, intervenções cirúrgicas – devem ser investidos para se obter o corpo “perfeito”. Decorre daí que a obtenção desse corpo é mais favorecida a uma classe social economicamente mais privilegiada.

Ao tratarmos o corpo como capital, a relação que temos com ele é transformada. O corpo com o qual nascemos, com toda a sua carga genética, seja ela boa ou ruim, não pode mais ser aceito, ele deve ser ilimitadamente melhorado por meio de dietas, exercícios, medicações, intervenções cirúrgicas.

Novaes (2006) fala que houve uma mudança na questão de aceitar ou não o corpo recebido. O questionamento atual é como e até que ponto mudá-lo. A autora cita um trabalho de Malysse em que ele chega a se referir a esse corpo construído como um “corpo de classe”, em razão da imprescindibilidade de investimento de muito tempo e dinheiro no desenvolvimento do projeto, para que ao final, a médio e/ou longo prazos, o resultado possa ser notado.

As atividades que compreendem esse incessante aperfeiçoamento Novaes (2006) compara com o malhar o ferro, em que se exige um trabalho e esforço intenso. É assim que essas mulheres tratam seus corpos: com extrema tirania, renunciando a vários prazeres e se submetendo a diferentes tratamentos e cirurgias.

### **Cultura do Narcisismo**

Atualmente fala-se que estamos inseridos em uma cultura narcisista. Para compreender o que isso quer dizer, é interessante primeiramente aludir ao mito: Narciso, que era um rapaz muito belo, quando vê pela primeira vez sua imagem refletida na água, se apaixona por ela, permanecendo imóvel a contemplar a si mesmo, o que o leva à morte.

Freud (1914), ao escrever o texto sobre o narcisismo, introduz esse conceito, relacionando-o aos investimentos libidinais. Ele estabelece que há uma relação inversa entre a libido do ego e a libido objetal, quanto mais em uma se investe, mais a outra se esvazia. Para elucidar essa distribuição da libido, deu como exemplos as reações humanas quando nos encontramos doentes, com sono, apaixonados. Dessa forma, pessoas que amam conforme o tipo narcisista elegeram a si mesmas como objeto de desejo e procuram no outro características suas para nele amar.

Lazzarini (2006) mostra que, apesar de ser uma sociedade de consumo, a sociedade pós-moderna manifesta uma predisposição voltada à vida privada, à

intimidade, às relações pessoais e necessidades particulares mais urgentes. Nesse movimento em que cada um se volta para seu próprio mundo interno, conseqüentemente, observa-se um superinvestimento do eu.

Conforme Baudrillard (2011) “o narcisismo do indivíduo na sociedade de consumo não é fruição da singularidade, é refração de traços coletivos.” (p.115), o que torna as pessoas mais conformistas e muitas vezes incapazes de refletir e de julgar o que é imposto pela sociedade.

Analogamente ao mito, esse tipo de sociedade está mais preocupado com a imagem, mas não é qualquer imagem, tem de estar dentro dos padrões de beleza, magreza, juventude. Novaes (2006) nos chama a atenção para a relação entre existir/ser e beleza, ressaltando que o que se exige da mulher não é apenas ser mulher, obriga-a ao padrão de beleza: se ela não for bonita, não é totalmente mulher.

Nessa mesma linha de raciocínio, Lazzarini (2006) relata que na cultura pós-moderna a imagem é cultuada. Dessa maneira, ser homem é ser reconhecido como imagem por um outro homem, que também é uma imagem. As pessoas passam a ser meros personagens, sendo-lhes fundamental ter um corpo “perfeito” para o bom desempenho do papel que lhe cabe. A autora expõe que a ditadura contra o corpo pode ser tão grande que este acaba por sucumbir sob efeito dos *stresses*.

Viver e se relacionar dentro dessa construção passa a ser uma arte. Lazzarini (2006) observa que “as relações amorosas e afetivas tendem a ser superficiais e passageiras com muito pouca condição de se transformarem em vínculos mais duradouros” (p.12). Provavelmente, em alguns casos, o fato de as pessoas se interessarem por características tão efêmeras, como a beleza, é o que contribui para o fim das relações: quando o que as ligava – o corpo, a beleza, a juventude – acaba, o

“amor” também termina. Podemos imaginar como é difícil, para quem dela está excluído, viver e se realizar nessa sociedade.

Baudrillard (2011) ao analisar o artigo de uma revista direcionada para o público feminino demonstra a responsabilidade de sucesso que é direcionada à mulher. Segundo o artigo da revista, se a mulher não cuidar de si e do próprio corpo ela será responsável pelo fim de seu casamento. O autor apreende desse artigo que o que se exige da mulher é um investimento narcísico não no sentido de se conhecer interiormente, mas no de torná-lo mais belo e perfeito exteriormente.

### **Construção corporal**

Por meio desse estudo sobre a relação entre corpo e sociedade, pode-se compreender como a imagem do corpo atual foi-se construindo. Conforme a época em que se encontrava, o que era considerado belo para o corpo feminino também foi se transformando. Atualmente belo é ser magra, mas ter seios e nádegas fartos, e não possuir sinais de envelhecimento, como rugas e manchas.

A formação dos grupos foi estudada por Freud em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921). O que ele observa é que o sujeito é fruto de sua relação com o outro. A partir dessa observação ele aborda o significado dos grupos para o indivíduo e suas características. Para tal, faz uso da definição de alma coletiva de Le Bon, que descreve as mudanças de comportamento das pessoas quando fazem parte de um grupo, pois suas ações diferem muito da maneira como agiriam isoladamente. Em grupo, elas passam a sentir, pensar e agir de uma maneira uniforme.

Com base nesse texto de Freud, podemos analisar o fenômeno atual do culto ao corpo. Muitas mulheres se submetem a qualquer tipo de tratamento que lhes prometa fazer parte e serem aceitas pelo grupo. Elege-se um modelo de “corpo perfeito” e cada mulher fará tudo a seu alcance para se tornar igual ao modelo. Freud (1921) nomeia esse

fenômeno como identificação, no qual se observa um empenho em transformar o próprio Eu no mais semelhante possível com o modelo adotado. “A identificação é a mais primordial forma de identificação afetiva a um objeto” (p.65).

Freud (1921) também demonstra que é comum os membros do grupo direcionarem sentimentos hostis para fora da massa, indo de encontro a outros sujeitos que consideram seus dessemelhantes. Essa exclusão e perseguição da sociedade para com as mulheres que não possuem o corpo aceito socialmente é, provavelmente, uma das causas da insatisfação feminina com seus corpos e também a responsável pela constante tentativa de modificação corporal.

Em sua pesquisa, Malysse (2002) usa o termo *corpolatria* para designar as “manipulações sociais de relações pessoais com o corpo” (p.93). Para o autor, as maneiras como as pessoas lidam com os próprios corpos se assimilam a um culto religioso, dada a reverência como os tratam. Por sua vez, para nomear a forma como as pessoas interpretam a aparência do outro, Malysse utiliza a expressão *corporeidade modal*. Em seu artigo, o autor aborda a importância que nós, brasileiros, damos a trabalhar e transformar o corpo natural para torná-lo um corpo moldado.

Por meio de entrevistas, de observação em academias e locais públicos e ao analisar publicações com representação do corpo feminino voltadas para esse público, Malysse (2002) reflete sobre como cada sociedade procura esculpir o corpo das mulheres. Ele parte da pergunta: “qual o corpo feminino feito por cada sociedade e para cada sociedade?” (p.96).

O que Malysse (2002) observa é que na atual sociedade a mulher passa a ser responsável pelo seu próprio corpo. Fenômeno que Baudrillard (2011) nomeia como a moralização do corpo feminino, que é a passagem de uma estética para uma ética do corpo da mulher. Dessa forma, o corpo constituído por massa, gordura e músculos deve

ser trabalhado exaustivamente para seu aprimoramento. O que as mulheres procuram nas academias de ginástica é a transformação de seu corpo em um corpo que as faça mais satisfeitas consigo próprias e as torne mais desejadas pelos outros. (Malysse, 2002).

Ao final de seu artigo Malysse (2002) sintetiza bem a época em que estamos inseridos: “Nessa transformação entre vivo e visual, o corpo torna-se *alter ego*, e o ego é medido pelo peso dos halteres que se devem levantar a cada dia para enfim conquistar sua própria “semelhança””. (p.134).

### **Vale tudo pela beleza**

Ao analisarmos alguns dos procedimentos – dietas, malhação, intervenções cirúrgicas – a que as mulheres se submetem pelo ideal de beleza, podemos nos chocar com a agressividade desses métodos. Muitas se tornam algozes de si mesmas ao tratar seus corpos com tão extrema tirania. Porém, quando analisamos um pouco da história, podemos observar que esse tipo de tratamento não é recente.

Em *Panóplias Corretoras*, Vigarello (1979) faz um levantamento histórico sobre o desenvolvimento de aparelhos para corrigir a postura das mulheres. O que o autor nos mostra é que o que começou como uma ajuda da medicina para corrigir anatomias defeituosas passou a ser usado com fins pedagógicos de preservar e modelar o corpo. A utilização dessa aparelhagem – tutores, espartilhos – nos mostra que desde a antiguidade a mulher já sofria para ser bonita.

Del Priore (2000) também fala dessas transformações corporais que as mulheres sofreram ao longo do século XX. Mostra-nos como o padrão de beleza passou da gordura passiva para a magreza ativa. E como, por meio da aparição em revistas, no cinema, na televisão e nas praias, o corpo feminino ao se despir sofre maiores

exigências, que contribuíram para o desenvolvimento de cosméticos e de métodos para aprimorar o corpo e combater o envelhecimento.

Sobre o uso do espartilho, Del Priore (2000) atenta para o fato de eles, além de corrigirem a postura por meio de uma “estética da compostura, uma ética da contração” (p.52), também remeterem aos signos da nobreza improdutiva. A postura ereta, imponente, altaneira, proporcionada pelo uso desse acessório, era comparada com as qualidades do caráter feminino. “A vida nas cortes européias, ou na nossa, iria controlar todas as possíveis turbulências do corpo, sua expansão ou vacilações” (p.52).

Novaes (2006) também nos mostra que além da ditadura de trabalhar o corpo, as mulheres se submetem a vários tipos de intervenções cirúrgicas, que vão desde pequenas correções faciais até cirurgias mais invasivas, como a bariátrica. Não estar dentro dos padrões de beleza causa muito sofrimento a algumas mulheres e, por vezes, a exclusão social que lhes é infligida as leva a se submeterem a esses procedimentos. Além de apresentarem um alto risco, o pós-operatório também tende a ser muito dolorido, mas mesmo assim parece que vale tudo para ser bela.

Em seu livro *História da beleza*, Eco (2004) nos mostra como os padrões de beleza se modificam ao longo dos séculos, conforme a época e a cultura. Segundo o autor, o adjetivo “belo” é usado para indicar algo que nos agrada e normalmente está relacionado com o que é bom. Por sua vez, bom, além de significar algo que nos agrada, também é algo que nós queremos ter, está na ordem do desejo. Logo, belo é aquilo que além de bom também nos causa desejo de posse.

Para Eco (2004), a definição de beleza relaciona-se com o belo, mas se diferencia dele na questão da provocação de desejo. A beleza é a fruição de algo por aquilo que ele é, independente de a possuímos ou não. Podemos admirar e contemplar



algo como belo, sem necessariamente querermos adquiri-lo. Dessa forma, conforme o autor, estamos falando de beleza.

Em *O mal-estar na civilização*, Freud (1930) perpassa pela questão da beleza. Para ele a felicidade também é buscada na fruição da beleza. Um ponto interessante que ele observa é que, apesar de a beleza não ter nenhuma utilidade clara ou uma necessidade cultural, mesmo assim ela é imprescindível para a civilização.

No mesmo parágrafo Freud (1930) escreve assim: “Essa atitude estética para com o objetivo da vida não oferece muita proteção contra a ameaça de sofrer, mas compensa muitas coisas” (p.39). Quando ele cita o “objetivo da vida”, está falando sobre a felicidade. Por “atitude estética” se refere a desfrutar, por meio dos sentidos, do que é belo. O que o autor nos mostra é que contemplar o que consideramos belo nos traz alegria. Porém não estamos livres de angústias e é justamente quando colocamos um ideal de beleza muito além do que somos que sofremos, seja na busca de atingi-lo, seja por não alcançá-lo.

É interessante notar, como já vimos anteriormente, que os padrões de beleza ao longo da história se modificaram. Apesar disso, mesmo sabendo que o ideal se transforma, o que vale é o hoje. Apesar de toda a revolução que já foi feita para a libertação das mulheres e de toda a evolução nesse campo, continuam elas submissas a padrões. Parece que a necessidade de fazer parte do grupo e o prazer de ser olhada, admirada e desejada pelo outro valem qualquer esforço.

### **O corpo feminino**

“Fazer-se bela, ser mulher” (p.9). Com essa frase Del Priore (2000) começa a introdução de seu livro. É essa relação entre beleza, corpo e feminilidade que queremos abordar, como se para ser mulher fosse obrigatório ser bela e possuir um corpo que, ao

ser olhado, se tornasse objeto de desejo para os outros. Daí a indagação: como uma menina transforma-se em mulher?

Em sua obra, Freud escreveu alguns textos abordando questões sobre a diferenciação entre os sexos, a sexualidade e seus efeitos. Em sua conferência XXXIII, *Feminilidade* (1933[1932]), o psicanalista retoma parte de sua teoria sobre esses assuntos para falar sobre “o enigma da natureza da feminilidade” (p.114).

Vamos concentrar nossa atenção no desenvolvimento sexual feminino. Conforme Freud (1933[1932]), a falta do pênis na menina a leva a obter prazer na masturbação por meio do clitóris. Dessa forma, são duas as tarefas que as meninas precisam fazer para a mudança para a feminilidade. A primeira é a troca da zona erógena clitoridiana para a vaginal. E a segunda tarefa é a troca do objeto amoroso, pois da mesma maneira que o menino, a mãe também é seu primeiro objeto de amor, mas a menina terá que transferi-lo para o pai.

Em *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, Freud (1925) demonstra que primeiramente o menino passa pelo complexo de Édipo e depois pela castração. Por sua vez, a menina passa primeiramente pelo complexo de castração para depois entrar no conflito edípico. É nessa fase – complexo de Édipo – que a menina troca de objeto amoroso, passando a identificar-se com a mãe para conquistar o pai.

Freud (1933[1932]) aponta que a descoberta da castração pela menina pode conduzir a diferentes desfechos: uma seria a inibição sexual ou a neurose, a outra seria um complexo de masculinidade e a outra a feminilidade normal. No primeiro caso, ao perceber-se castrada, a menina passa a invejar o pênis, abandona o prazer masturbatório clitoridiano, repudia seu amor pela mãe que também é castrada e, muitas vezes, reprime seus desejos pulsionais.

No caso do complexo de masculinidade, a menina recusa-se a aceitar a falta do pênis, continua a obter prazer por meio do clitóris e exagera sua masculinidade ao identificar-se a figura de sua mãe fálica ou do seu pai. Freud (1933[1932]) não sabe o que a levaria a tal desfecho, mas supõe que fosse um fator constitutivo em que a mulher apresentaria uma maior quantidade de atividade.

Sobre o desenvolvimento da feminilidade normal, Freud (1933[1932]) aponta a remoção da atividade fálica, por meio da mudança de zona erógena, em que a menina passa a obter prazer pela vagina. Nota-se que há uma mudança da atividade para a passividade. A menina passa então a desejar o pai, pois acredita que ele possa lhe dar o objeto fálico. Futuramente o desejo por um pênis se transforma em desejo de ter um bebê do sexo masculino.

Freud (1933[1932]) também relaciona narcisismo e feminilidade, anotando que à feminilidade atribui-se uma quantidade maior de narcisismo. O que ele observa e ressalta é que a mulher apresenta uma maior necessidade em ser amada do que amar, o que influencia sua escolha de objeto amoroso. O autor enuncia ainda que a inveja do pênis trás como consequência a vaidade física das mulheres. Assim, para compensar sua inferioridade sexual, as mulheres necessitam de valorizar seus atributos.

A questão sobre a inferioridade sexual feminina é um assunto muito controverso desde a época de Freud até nossos dias. Muitas pessoas envolvidas com questões de gênero, inclusive psicólogos e analistas, criticam essa regra freudiana. Porém, com base em sua teoria, é assim que encontramos uma explicação para a necessidade da mulher em ser fisicamente admirada.

Novaes (2006) denuncia que as mulheres de sua pesquisa demonstram em suas falas e atitudes uma busca por aprovação no olhar do outro. A autora cita a tese de doutorado de Medeiros para confirmar a importância do olhar masculino de desejo. Em

seu trabalho o autor propõe que “se o mandamento estabelecido pelo superego masculino é ter o falo, o caminho apontado pelo ideal de Eu das meninas é ser desejada, é ter sobre seu corpo o olhar amoroso e desejante daquele que, supostamente, tem.” (citado por Novaes, 2006, p.237). Para o autor a construção do psiquismo feminino está relacionada com o fato da menina não enxergar e compreender o próprio órgão genital e não pela falta de um pênis.

### **Considerações finais**

Ao final deste trabalho gostaríamos de refletir um pouco mais sobre o que foi abordado até agora. O que nos chama a atenção é o círculo vicioso\* entre o padrão de beleza adotado pela sociedade e o imperativo que ele exerce no pensamento feminino. A sociedade impõe à mulher um determinado modelo físico, julga e exclui quem dele não faz parte, e isso as leva a uma (in)cansável busca por aperfeiçoamento corporal. E assim os arquétipos vão se perpetuando dentro do grupo, essa máquina de uniformidade que tenta eliminar toda alteridade. Del Priore (2000) enuncia que “nossa sociedade valoriza não a identidade, mas a identificação.” (p.81).

O que se percebe é que a força do grupo é muito intensa. Exige da mulher que tenha um corpo magro, sinônimo de beleza, saúde e juventude, e só as que alcançam esse ideal parecem ter o direito de pertencer ao grupo e, em decorrência, ser feliz. Seriam, no entanto, verdadeiramente felizes? As outras ficam fadadas à eterna busca da felicidade e tentativa de aceitação por meio da modificação corporal.

Conforme os textos de Freud (1933[1932]) e de Novaes (2006), essa busca pela beleza está relacionada com a necessidade em ser olhada e desejada pelo outro. Freud enuncia que a mulher precisa compensar sua inferioridade sexual valorizando seus “encantos”, provavelmente referindo-se às características femininas – seios, cintura fina,

---

\* Conforme o dicionário Houaiss, “círculo vicioso: no *aristotelismo* falha lógica que consiste em alcançar dedutivamente uma proposição por meio de outra que, por sua vez, não pode ser demonstrada senão através da primeira”.

quadril largo, nádegas. É pela vaidade que muitas mulheres se submetem a vários tipos de tratamentos para tornarem-se “perfeitas”.

Essa questão sobre o desejo de ser olhada nos faz pensar nos relacionamentos amorosos. Del Priore (2000) faz esses questionamentos “E até que ponto essas imagens de perfeição impossível não interferem nos relacionamentos homem/mulher? E não minam a auto-estima feminina?” (p.89). Com base nessas questões podemos refletir que realmente torna-se difícil a criação de laços entre as pessoas. Se as pessoas não aceitam a si mesmas, como elas podem se propor a serem gostadas e aceitas pelo outro?

A questão é que em alguns relacionamentos os laços afetivos são alicerçados em características passageiras como o corpo “perfeito”, a beleza e a juventude. Dessa forma, quando o que nos leva a estar com alguém são motivos tão transitórios, a relação passa a ter uma duração também efêmera. Del Priore (2000) declara que “As pessoas pouco perceberam que a chave de um bom relacionamento com a vida passa por certa dose de aceitação, inteligência, carinho e alegria.” (p.80).

Em seu texto *A Transitoriedade*, Freud (1915) discorre sobre a relação entre beleza e efemeridade. Para ele não é porque as coisas são passageiras que elas não devam ser admiradas e valorizadas, justamente pelo contrário quanto mais transitório maior seu valor. Esse texto parece contradizer o que dissemos no parágrafo anterior. Mas Freud (1915) assim escreve: “Vemos desaparecer a beleza do rosto e do corpo humano no curso de nossa vida, mas essa brevidade lhes acrescenta mais um encanto” (p.249). Apreendemos, dessa maneira, que a efemeridade da beleza e juventude lhes acrescenta mais valor e que devemos usufruir delas também. Ideal é que ao longo da vida essas mudanças, cada uma a seu tempo, sejam compreendidas e aceitas para que se possa viver bem cada fase da existência. Por sua vez, os relacionamentos amorosos que se fundamentassem em valores mais elevados e permanentes, tenderiam a melhor

aceitação e tolerância na relação, proporcionando melhor qualidade e maior durabilidade.

Considerando dois fatores, a brevidade da vida e o bem maior que nela representa a felicidade do ser humano, é isso que gostaríamos: a aceitação de si mesmas pelas mulheres tal como são, pois a vida passa muito rapidamente e não lhes convém desperdiçar tempo e recursos para ficarem submetidas a padrões impostos, o que só as faz sofrer.

## Referências Bibliográficas

- Baudrillard, J. (2011) *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70.
- Del Priore, M. (2000) *Corpo a corpo com a mulher: pequenas histórias das transformações do corpo feminino no Brasil*. São Paulo: Editora SENAC.
- Eco, H. (2004) *História da beleza*. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record.
- Freud, S. (1914) *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Em: Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol.XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- \_\_\_\_\_. (1916) *A Transitoriedade*. Em: Sigmund Freud Obras Completas. Tradução: Paulo César de Souza. Vol. 12. São Paulo: Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_. (1921) *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. Em: Sigmund Freud Obras Completas. Tradução: Paulo César de Souza. Vol. 15. São Paulo: Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_. (1925) *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*. Em: Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol.XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- \_\_\_\_\_. (1930) *O mal-estar na civilização*. Em: Sigmund Freud Obras Completas. Tradução: Paulo César de Souza. Vol. 18. São Paulo: Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_. (1933[1932]) *Feminilidade*. Em: Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol.XXII. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Goldenberg, M. (2011) *Afinal, o que quer a mulher brasileira?* Psic. Clin., Rio de Janeiro, Vol. 23, N. I, P. 47-64.
- Lazzarini, E. R. (2006) *Emergência do narcisismo na cultura e na clínica psicanalítica contemporânea*. Dissertação de Doutorado. UnB. Brasília DF.
- Malysse, S. (2002) *Em busca dos (H)alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca*. Em: Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Goldenberg (org.). Rio de Janeiro: Record.
- Novaes, J. V. (2006) *O intolerável peso da feiúra: sobre as mulheres e seus corpos*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Garamond.
- Vigarello, G. (1979) *Panóplias Corretoras*. Em: Políticas do Corpo: elementos para uma história das práticas corporais. Sant'Anna, D. B. (org.). São Paulo: Estação Liberdade, 1995.